

Noção de língua na tradução e na tradução inversa: uma perspectiva enunciativa

Sara Luiza Hoff
Valdir do Nascimento Flores

Submetido em 20 de agosto de 2016.

Aceito para publicação em 15 de agosto de 2017.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 54, outubro de 2017. p. 79-94

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.

(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>
Segunda-feira, 23 de outubro de 2017
20:59:59

NOÇÃO DE LÍNGUA NA TRADUÇÃO E NA TRADUÇÃO INVERSA: UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA

NOTION OF LANGUAGE IN TRANSLATION AND IN INVERSE TRANSLATION: A PERSPECTIVE BASED ON THE THEORY OF ENUNCIATION

Sara Luiza Hoff¹
Valdir do Nascimento Flores²

RESUMO: Este trabalho reflete sobre a versão – considerando-a em contraste com a tradução *stricto sensu* –, em especial quanto às operações utilizadas pelo tradutor. A reflexão usa as noções de semiótico e semântico, elaboradas por Émile Benveniste, como categorias teóricas de análise. Analisam-se dados oriundos de aulas de versão do inglês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As análises permitem entender que, de modo geral, enquanto os que fazem versões têm maior facilidade para interpretar o sentido da língua fonte em uso, muitas vezes eles enfrentam dificuldades para determinar as unidades semióticas adequadas para o texto alvo. Já os que fazem tradução desconhecem unidades semióticas do texto fonte, mas não enfrentam maiores dificuldades para a produção do texto alvo.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução inversa; Émile Benveniste; semiótico; semântico.

ABSTRACT: This paper aims to ponder about inverse translation –in contrast with direct translation –, in particular with regard to the operations used by translators. The reflection takes the notions of semiotics and semantics, developed by Émile Benveniste, as categories of analysis. Data during inverse translation classes at Universidade Federal do Rio Grande do Sul are analyzed. These analyzes allow us to understand that in general while those who make inverse translations can more easily interpret the meaning of the source language, they often face difficulties in determining the appropriate semiotic units for the target text. Those who make direct translations may not know semiotic units of the source text, but do not face greater difficulties in producing the target text.

KEYWORDS: Inverse translation; Émile Benveniste; semiotics; semantics.

1. Introdução

A tradução inversa – frequentemente também chamada versão – consiste na transposição de um texto escrito na língua materna do tradutor para uma língua estrangeira, diferentemente da tradução *stricto sensu*, em que textos escritos em uma língua estrangeira são transpostos para a língua materna³.

¹ Bacharel em Letras pela UFRGS e aluna do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS. Bolsista CAPES. saraluzahoff@gmail.com

² Professor Titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Letras. Possui pós-doutorado pela Université de Paris XII-Val-de-Marne e pós-doutorado pela Université de Paris X – Nanterre. Pesquisador Pq-CNPq. valdirmf@yahoo.com.br

³ As definições no campo da tradução, em geral, nem sempre contemplam a tradução inversa, em particular. Hurtado Albir (2001, p. 56, tradução nossa), por exemplo, leva em conta apenas a direcionalidade do processo tradutório ao considerar que o “tradutor traduz para a língua materna ou para uma língua estrangeira”, o que determina se “se trata da tradução direta e da tradução inversa”. Ainda segundo a autora, embora o público leigo não faça distinção entre as duas formas, é a tradução direta que

Em um trabalho anterior, observamos que, enquanto a observação do mercado, em geral, cria a impressão de que a tradução inversa é um fenômeno bastante requisitado, ao se examinar o contexto acadêmico-científico brasileiro, percebe-se que esse fenômeno tradutório é pouco discutido nesse ambiente. Com a consulta a grades curriculares de 93 cursos de graduação, observou-se que somente 19 contemplam disciplinas de versão de alguma forma, sendo que em somente oito o número de disciplinas de versão é equivalente ao número de disciplinas de tradução. Na pós-graduação, de quatro cursos explicitamente voltados à tradução, nenhum apresenta disciplinas ou linhas de pesquisa que abordem o assunto. Na consulta a 45 obras constantes nas referências bibliográficas das disciplinas teóricas de tradução e práticas de versão de algumas instituições de ensino, foi possível notar que apenas sete faziam referência à tradução inversa, sendo que somente duas delas tratam do fenômeno com enfoque mais teórico. Por fim, a pesquisa em 165 números de onze revistas científicas especializadas em tradução revelou que existem somente seis artigos que contemplam reflexões teóricas sobre o fenômeno. Assim, é possível entender que há necessidade e espaço para ampliar os estudos sobre essa prática (HOFF; FLORES, 2015).

É importante, ainda, mencionar que, além da evidente necessidade de elaboração de mais estudos sobre a prática, deve-se reservar à tradução inversa, no conjunto dos estudos da linguagem, um espaço de reflexão teórico-metodológico independente daquele dedicado à tradução no sentido estrito. Em outras palavras, não cabe enxergar a tradução inversa somente como uma atividade oposta ou inversa à tradução no sentido estrito: ela é uma prática distinta, com características próprias e peculiares que a diferenciam da tradução *stricto sensu*. Ignorar isso é consolidar clichês e reforçar preconceitos.

Assim, é necessário dar maior atenção ao fenômeno da versão, tanto no que tange ao fenômeno específico quanto no que diz respeito a sua relação com as demais faces do grande fenômeno tradutório (tradução propriamente dita, interpretação, tradução simultânea, bilinguismo etc.). Acreditamos, assim, que se fazem necessários futuros trabalhos de pesquisa para melhor entendimento das relações entre esses fenômenos e do fenômeno tradutório em geral.

A partir dessas considerações é que este trabalho objetiva, em primeiro lugar, refletir sobre a versão, considerando-a, especialmente, com base nas operações e nos mecanismos linguísticos utilizados pelo tradutor. Em segundo lugar, busca-se, também, pensar acerca das implicações teóricas que os procedimentos envolvidos na tradução e na versão têm na reflexão sobre a prática tradutória em seu conjunto.

Quanto a esses dois objetivos, cabe uma observação: o primeiro, de ordem mais geral, dirige nossa atenção para o fenômeno da versão em si, ou seja, para os recursos (linguísticos, culturais etc.) que podem caracterizar a versão como fenômeno de linguagem; o segundo, de ordem mais específica, supõe uma espécie de contraposição

é considerada a tradução verdadeira. De certa forma, Lonsdale (apud BAKER; SALDANHA, 2011, p. 84, tradução nossa) apresenta um ponto de vista semelhante, ao afirmar que “a direcionalidade em estudos ocidentais de tradução geralmente se refere ao fato de tradutores trabalharem a partir de uma língua estrangeira para a sua língua materna ou vice-versa”. Em outras palavras, a tradução inversa é contemplada na bibliografia especializada somente em relação à direcionalidade do processo, sem que se detenha nos aspectos que singularizam tal processo frente ao que geralmente se chama tradução, a *stricto sensu*. Para os limites deste trabalho, chamaremos tradução inversa – frequentemente também chamada versão – a transposição de um texto escrito na língua materna do tradutor para uma língua estrangeira, e tradução, entendida em sentido estrito, a transposição de textos escritos em uma língua estrangeira para a língua materna.

entre versão e tradução, uma vez que a natureza dos dados – oriundos de uma experiência de aula de versão em contexto universitário (cf. Item 3, a seguir) – encaminha para isso. É esse segundo objetivo que nos leva a pensar que iniciamos uma discussão que permitirá um maior entendimento sobre a prática da versão e sobre o fenômeno tradutório como um todo.

Para atingir os objetivos propostos, o trabalho baseia-se em dados coletados durante aulas práticas de versão ministradas em contexto universitário. Os dados foram avaliados à luz da teoria enunciativa de Émile Benveniste (cf. Item 2, adiante). Finalmente, desenvolvemos reflexões sobre os processos de tradução e versão e a noção de língua implicada em cada um deles.

2. Fundamentação teórica

Em “A forma e o sentido na linguagem”, Émile Benveniste (1967/2006) concebe a língua constituída de dois domínios: o semiótico e o semântico. São esses dois domínios que fornecerão as diretrizes teóricas para a análise dos dados obtidos na fase de coleta.

O domínio semiótico corresponde ao domínio intralinguístico e é a modalidade da significação. É a organização dos signos, que são as unidades semióticas. Para Benveniste, os signos têm ou não significado, o que é definido pelos falantes da língua. Segundo o autor (2006, p. 227, grifos do autor), “no plano do significado, o critério é: isto significa ou não? Significar é ter um sentido, nada mais. E este *sim* ou *não* só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua, aqueles para os quais esta língua é a *língua* e nada mais.” Ou seja, são os falantes nativos de uma dada língua que determinam a existência de um dado signo, o aceitam ou não como pertencendo a esta língua. Além disso, para o autor (2006, p. 227), “[...] tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua”. Isso, segundo Flores (2013), significa que os signos são definidos no interior do sistema e são passíveis de serem identificados no uso da língua.

O outro domínio da língua é o semântico, que é a modalidade da comunicação. Esse domínio corresponde à língua quando ela é colocada em uso pelos falantes, ou seja, é o “[...] domínio da língua em emprego e em ação [...]” (BENVENISTE, 2006, p. 229). As unidades desse domínio são as palavras, que, por sua vez, são agenciadas em frases, que constituem a materialidade do discurso. Para o autor (BENVENISTE, 2006, p. 229), “não se trata mais, desta vez, do significado do signo, mas do que se pode chamar o intencionado, do que o locutor quer dizer, da atualização linguística do pensamento”.

Ainda dentro do ponto de vista benvenistiano, é importante considerar que, ao conceber a língua como tendo dois domínios, abre-se a possibilidade de entender uma mesma unidade lexical como tendo *status* diferente dependendo do domínio em que a consideramos. Flores (op. cit., p. 143) afirma que “se se toma uma unidade como signo, ela tem um sentido; se se toma como palavra, ela tem outro sentido”. Isto é, ao ordenar palavras em uma frase, o significado individual de cada uma delas se altera, passando a ser determinado pela totalidade. Elas podem até mesmo adquirir “valores que em si mesmas elas não possuíam e que são até mesmo contraditórios com aqueles que elas possuem em outros lugares” (BENVENISTE, 2006, p. 232). Isso não quer dizer, entretanto, que todo o conteúdo que a unidade tem enquanto signo se perca quando ela é

agenciada em uma frase. Naturalmente, se tratando da mesma entidade lexical, existe uma relação que não é completamente perdida:

[...] as palavras, instrumentos da expressão semântica, são materialmente os signos do repertório semiótico. Mas estes signos, em si mesmos conceptuais, genéricos, não circunstanciais, devem ser utilizados como “palavras” para noções sempre particulares, específicas, circunstanciais, nas acepções contingentes do discurso (BENVENISTE, 2006, p. 233).

Assim, semiótico e semântico não são domínios distintos e separados, mas sim duas faces da língua. O domínio semiótico constitui-se como a base sobre a qual o discurso, ou seja, o semântico, será construído, a partir do ordenamento de palavras em frases. Em outras palavras, é impossível considerar o semântico sem apreciar o semiótico, ou seja, a significação dentro do sistema linguístico.

É justamente nessa mudança fundamental de perspectiva que Benveniste vislumbra tanto a possibilidade quanto a impossibilidade de tradução. Para o autor, a diferença entre o semiótico e o semântico encontra-se no fato de que

pode-se transpor o semantismo de uma língua para o de uma outra, ‘salva veritate’; é a possibilidade da tradução; mas não se pode transpor o semioticismo de uma língua para o de uma outra; é a impossibilidade da tradução. Atinge-se aqui a diferença entre o semiótico e o semântico (BENVENISTE, 2006, p. 233).

Nessa passagem, não podemos deixar de perceber que Benveniste formula algo que instiga a todos os que se preocupam em estudar o grande fenômeno da tradução – no nosso caso, aqui, também a tradução inversa: a tradução é o exemplo que permite ao autor explicitar a diferença entre o semiótico e o semântico.

Ora, nesses termos, poderíamos considerar semiótico e semântico categorias a partir das quais se poderia analisar o fenômeno da tradução? Cremos que sim.

Bem entendido: semiótico e semântico, na reflexão benvenistiana, têm um alcance que transcende a realidade do fenômeno tradutório em geral. No entanto, não podemos considerar de pouca importância o fato de Benveniste utilizar a tradução como a possibilidade de ‘tocar’ a diferença entre o semiótico e o semântico – na versão original do texto de Benveniste citado acima lemos: “On touche [tocamos] ici la différence du sémiotique et du sémantique” (BENVENISTE, 1974, p. 228). Também não é de menos importância o fato de Benveniste resguardar algo de impossível na relação entre as línguas. E ele, como sabemos, era conhecedor de muitas.

A tradução é, então, a materialização de um ato de leitura na qual o *intentado* do discurso resta sempre a interpretar. Essa quase impossibilidade contrasta com a tradição milenar que é a tradução. Cremos que não seria contrário às ideias de Benveniste afirmar o paradoxo da universalidade da tradução frente a singularidade do texto traduzido, o que pode ser visto pelas lentes de uma análise que contemple semiótico e semântico integradamente.

Por isso, neste texto, semiótico e semântico, além do alcance heurístico que têm no quadro de uma teoria da linguagem, funcionam, em nossa perspectiva, como categorias a partir das quais é possível operacionalizar uma análise da tradução, em geral, e da tradução inversa, em particular.

3. Metodologia

O trabalho consistiu de uma coleta de dados de base descritiva, feita durante o primeiro semestre de 2015. Os dados foram registrados em um diário, organizados em grupos e, posteriormente, analisados considerando uma perspectiva enunciativa, de acordo com os fundamentos teóricos propostos por Émile Benveniste.

3.1 Metodologia de coleta de dados

Os dados foram coletados durante as aulas da disciplina de Versão do inglês IV, do curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ministrada durante o primeiro semestre do ano de 2015. A maioria dos alunos da disciplina são falantes nativos de português. O professor, porém, é falante nativo de inglês. Além disso, havia alunos falantes nativos dessa língua. As diferenças nas línguas nativas dos participantes evidenciam que, durante as aulas, houve a realização de dois processos diferentes: tanto traduções no sentido estrito quanto versões. Portanto, neste artigo, os falantes nativos de inglês são chamados de tradutores, enquanto os falantes nativos de português são doravante denominados versores.⁴

As aulas consistiram da transposição de três contos do livro *Ainda Orangotangos*, do escritor Paulo Scott (2007), para inglês. Os contos escolhidos foram “Casacas grenais”, “Funny Valentine” e “Martin”. Cada um deles foi traduzido para um contexto determinado previamente pelo professor (uma coletânea de contos latino-americanos traduzida para inglês britânico; um livro de textos de ficção e não ficção sobre as cidades-sede da Copa do Mundo de 2014 em inglês americano; e a tradução de todo o livro *Ainda Orangotangos* para inglês australiano, respectivamente).

A metodologia de ensino previa a discussão de propostas e sugestões dos alunos para os textos, além da análise de contribuições dadas pelo professor. Todas as contribuições eram anotadas no quadro branco, consideradas e debatidas o quanto fosse necessário, até que não restassem dúvidas e que as opções que figurassem no quadro fossem consideradas adequadas por todos os participantes. Naturalmente, alguns pontos dos textos geravam mais discussões que outros. Além disso, houve situações em que se mostrou necessário contrastar o ponto de vista dos tradutores e dos versores. Como nessas situações foi possível perceber os contrastes entre tradução e versão, elas foram selecionadas como dados da pesquisa, sendo compiladas e descritas em um diário em meio eletrônico.

É importante ressaltar que, sendo uma das autoras deste artigo uma das alunas matriculadas na disciplina, as observações foram feitas de maneira participante, ou seja, houve interações entre a observadora e os demais participantes. Além disso, Silva (2007) aponta a necessidade de ancorar as metodologias de pesquisa enunciativas no princípio de intersubjetividade que é essencial à natureza da linguagem, em que os locutores fazem uso da língua, se assumindo como *eu* e definindo os seus alocutários

⁴ Cumpre ressaltar que os participantes aqui mencionados assinaram termos de consentimento livre e esclarecido, consentindo em participar da pesquisa e em ter seus comentários divulgados. De qualquer modo, para proteger o anonimato dos envolvidos, optamos por utilizar somente a desinência masculina ao citá-los, embora o grupo fosse composto tanto de pessoas do sexo masculino quanto de pessoas do sexo feminino.

como *tu*. Desse modo, torna-se impossível ignorar a possível influência e interferência da observadora sobre as observações feitas.

Além disso, cabe notar que o fato de as observações não terem sido gravadas pode também ter influência nos registros. Hilgert (apud SILVA, op. cit.) aponta para a impossibilidade de uma transcrição fiel de um original falado, devido à subjetividade do transcritor. A transcrição de observações não gravadas, portanto, também está sujeita a essa mesma subjetividade. Cumpre ressaltar que fatores temporais também podem ter influenciado, visto que as situações observadas foram registradas de maneira sintetizada pela observadora enquanto aconteciam e, horas mais tarde, descritas e explicadas no diário. Desse modo, todas as observações utilizadas neste trabalho acabam por ter um caráter extremamente subjetivo, o que não é necessariamente pernicioso, considerando a perspectiva teórica em que este trabalho se ancora, como explicado acima.

3.2 Metodologia de apresentação e análise de dados

Após compilados, os dados coletados foram examinados e organizados em cinco grupos, considerando a natureza das situações descritas e as características gramaticais, linguísticas e estilísticas envolvidas em cada uma delas. É importante ressaltar que os grupos não são mutuamente excludentes, ou seja, uma mesma situação pode se encaixar em dois ou até mesmo em mais de dois grupos. Porém, para os fins deste trabalho, consideramos as características mais marcantes de cada situação para classificá-las nos grupos.

O primeiro grupo corresponde a aspectos de *interpretação*, o segundo compreende aspectos *culturais* e o terceiro relaciona-se com aspectos *linguísticos* e *gramaticais*. O quarto grupo, por sua vez, diz respeito a aspectos relacionados à *leitura* do texto de origem, enquanto o quinto grupo corresponde a aspectos relacionados à *produção* do texto de chegada.

Após a divisão em grupos, os dados foram estudados e analisados considerando as categorias de língua propostas por Émile Benveniste – semiótico e semântico –, previamente explicadas na segunda seção deste artigo.

4. Apresentação e análise dos dados

A observação de situações em que um mesmo texto é tanto traduzido quanto vertido (por pessoas diferentes) permite perceber as semelhanças e as diferenças entre essas duas práticas tradutórias. Além disso, a diversidade linguística e cultural dos participantes observados também resultou em intensas trocas de percepções e conhecimentos entre eles. Em muitos casos, houve contrastes marcantes entre as opiniões dos tradutores e dos versores, o que permitiu identificar, novamente, diferenças entre os processos de tradução e de versão.

As situações observadas no primeiro grupo, resumidas no Quadro 1, compreendem problemas naturais do processo tradutório e dizem respeito a aspectos de interpretação. Como os textos vertidos/traduzidos durante as aulas eram textos de ficção, de natureza altamente literária, e devido à ambiguidade natural de qualquer idioma, houve dificuldades, por parte de todos os participantes – tradutores e versores –, para atingir um consenso sobre o sentido de alguns pontos dos textos.

Um exemplo desse grupo pode ser observado na frase “Escuta aqui neguinho... Não sou neguinho, tio! meu nome é Marte. Não, diabo!, é neguinho, neguinho, o atendente vocifera, parado com as mãos na grade: e cai fora duma vez... neguinho!” (SCOTT, op. cit., p. 80). ‘Duma vez’ foi interpretado de duas maneiras diferentes pelo grupo. Enquanto alguns participantes – em especial os tradutores – defendiam a noção de que o sentido seria ‘ir embora e nunca mais voltar’, a maioria dos versores considerava que a melhor interpretação seria ‘imediatamente, neste exato momento’, sem, entretanto, rejeitar a interpretação feita pelos demais participantes. Para cada uma dessas interpretações, os possíveis equivalentes em inglês seriam diferentes: ‘for good’ e ‘at once’ para o primeiro caso e ‘right now’ ou ‘immediately’ para o segundo, entre outras possibilidades. Ao final da discussão, nesse caso, não foi possível atingir nenhum consenso sobre o sentido pretendido no texto fonte e ambas as interpretações foram consideradas aceitáveis. Aqui, portanto, podemos observar que o que está mais evidentemente em jogo é o domínio semântico, visto que, na frase em questão, há dois sentidos possíveis para a expressão ‘duma vez’. Ou seja, na materialidade do discurso, não é possível determinar qual sentido é mais aceitável, o que gerou desacordo entre os participantes. Como observado na Fundamentação teórica, a concepção da língua como constituída por dois domínios permite entender que, embora a unidade lexical seja percebida de modo diferente conforme o domínio considerado – semiótico ou semântico –, é somente no semântico, que é construído com base no semiótico, que podemos visualizar a língua em uso, viva, em ação.

Quadro 1 – Primeiro grupo: Aspectos de interpretação.

	Fenômeno destacado	Exemplo	Domínio⁵ relacionado
Versores	Ambiguidade	“[...] e cai fora duma vez... neguinho!” (SCOTT, op. cit., p. 80) ‘Duma vez’ interpretado como ‘ir embora e nunca mais voltar’	Semântico
Tradutores	Ambiguidade	“[...] e cai fora duma vez... neguinho!” (SCOTT, op. cit., p. 80) ‘Duma vez’ interpretado como ‘imediatamente, neste exato momento’	Semântico

O segundo grupo, por sua vez, refere-se a aspectos culturais e também compreendeu questões observadas tanto entre os tradutores quanto entre os versores, principalmente em relação ao uso de gírias e expressões idiomáticas. Os tradutores, por exemplo, nem sempre conseguiam interpretar o significado de palavras como ‘japona’ (SCOTT, op. cit., p. 61) e ‘estabanada’ (SCOTT, op. cit., p. 79) e tiveram dificuldade para compreender as muitas nuances possíveis em expressões temporais como ‘por uns minutos’ (SCOTT, op. cit., p. 80) e ‘por alguns instantes’ (SCOTT, op. cit., p. 63). Outra dificuldade cultural dos tradutores pode ser percebida no entendimento de datas

⁵ A presença do campo “Domínio relacionado” nos quadros não deve levar a crer que, em algum momento, se possa conceber o semiótico e o semântico, na teoria de Benveniste, como aspectos dissociados um do outro. Trata-se mais de uma maneira didática de dar a ver uma tendência do que de uma separação rígida.

comemorativas e eventos relativos à cultura do contexto em que foi escrito o texto fonte. Nos textos trabalhados na disciplina, exemplos disso puderam ser encontrados em termos como ‘Dia dos namorados’ (SCOTT, op. cit., p. 61) e ‘grenal’ (SCOTT, op. cit., p. 21). No primeiro caso, frequentemente se considera ‘Valentine’s day’ uma tradução adequada, sem considerar as diferenças de data – Valentine’s day é comemorado em 14 de fevereiro, enquanto o Dia dos namorados ocorre em 12 de junho – e os diferentes hábitos implicados em cada comemoração, de que nem todos os tradutores podem estar cientes. À palavra ‘grenal’, por outro lado, estão associados diversos sentimentos e percepções. Nem todos os tradutores observados estavam cientes desses fatos, o que pode refletir nas suas escolhas tradutórias. Retomando os conceitos apresentados anteriormente, lembramos que o domínio semiótico corresponde à organização dos signos, que têm ou não um significado conforme os falantes de uma dada língua, o que garante ou não a sua existência. Portanto, nos casos citados acima, o que podemos perceber é que os tradutores tiveram dificuldades com o semiótico do idioma de partida, visto que desconheciam a existência dos signos ou as nuances dos seus significados.

Entre os versores, por sua vez, foi possível perceber que nem sempre existe a percepção de usos idiomáticos de algumas palavras. Um exemplo está na palavra ‘mijar-(se)’, presente na seguinte frase: “[...] se ela chupa bico, se ainda **mija** nas calças ou... Ela ainda mijar, o menino responde: tem oito anos e ainda **se mijar** toda... [...]” (SCOTT, op. cit., p. 80, grifos nossos). Enquanto a tradução mais literal para o termo, ‘piss oneself’, sugerida por muitos dos versores, poderia funcionar na frase, foi necessário que um dos tradutores alertasse para o fato que, em inglês australiano – contexto para o qual o texto estava sendo traduzido – ‘piss’ é usado comumente como gíria, podendo ter muitos outros sentidos, especialmente o de ‘rir muito’, o que descaracterizaria completamente a frase original. Após essa observação, o grupo buscou outras alternativas para o termo, que não conflitassem com o sentido do texto fonte. As opções escolhidas foram ‘wet oneself’ e ‘can’t control oneself’, que, embora se adequem ao sentido, tiram um pouco da aspereza e coloquialidade do texto fonte. Nesse caso, então, foi possível observar que os versores tiveram dificuldades com o semântico do idioma de chegada, pois o problema se deu na expressão ‘piss oneself’ quando colocada em uso, já que os versores conheciam a principal significação da expressão, mas não estavam completamente familiarizados com o uso da expressão enquanto gíria. Não houve, portanto, dificuldade no reconhecimento da existência da unidade lexical, o que corresponde ao domínio semiótico proposto por Benveniste, mas houve dificuldade de percepção do sentido da unidade no discurso, que corresponde ao domínio semântico, que consiste na língua em uso.

Os versores também demonstraram nem sempre conseguir encontrar termos adequados ao contexto discursivo e cultural dos textos. Por exemplo, na frase “[...] e em seguida me perguntou: diz minha filha, tu é namorada dele?” (SCOTT, op. cit., p. 61), notou-se que a tradução de ‘minha filha’ gerou complicações. No contexto do texto, parece tratar-se de uma expressão de carinho utilizada por uma pessoa mais velha, residente do interior, falando com uma pessoa que supostamente é bastante mais jovem. Foram apresentadas várias alternativas de termos de carinho e afeto: ‘young lady’, ‘sweetie’, ‘sweetheart’, ‘darling’ e ‘dear’. Entretanto, foi possível perceber que muitos dos versores não se sentiram confiantes para optar por utilizar um desses termos, pois não necessariamente conseguiam identificar as sutis diferenças entre cada um deles, tendo dificuldade para identificar em qual contexto cada um é ou pode ser utilizado e, conseqüentemente, de adequá-los ao contexto pretendido no texto de origem e também

no texto de chegada. Mais uma vez, portanto, o semântico está no cerne da questão, já que não se trata de desconhecimento da existência das expressões, mas sim da adequação quando a língua é colocada em uso. Ou seja, novamente o problema vivenciado pelos versores não se relacionava ao reconhecimento de unidades, que corresponde, como já visto na Fundamentação teórica, ao domínio semiótico, mas sim à adequação de tais unidades ao discurso, que corresponde ao domínio semântico.

O quadro 2 apresenta as questões observadas no segundo grupo, de forma resumida.

Quadro 2 – Segundo grupo: Aspectos culturais.

	Fenômeno destacado	Exemplo	Domínio relacionado
Versores	Desconhecimento de uso idiomático de palavras/expressões	“[...] se ela chupa bico, se ainda mija nas calças ou... [...] e ainda se mijá toda... [...]” (SCOTT, op. cit., p. 80, grifos nossos)	Semântico
	Adequação ao contexto do texto de chegada	“[...] minha filha, tu é namorada dele?” (SCOTT, op. cit., p. 61) Opções para ‘minha filha’: ‘young lady’, ‘sweetie’, ‘sweetheart’, ‘darling’, ‘dear’ etc.	Semântico
Tradutores	Desconhecimento de palavras	‘japona’ (SCOTT, op. cit., p. 61) ‘estabanada’ (SCOTT, op. cit., p. 79)	Semiótico
	Dificuldades de compreensão de expressões temporais	‘por uns minutos’ (SCOTT, op. cit., p. 80) ‘por alguns instantes’ (SCOTT, op. cit., p. 63)	Semiótico
	Tratamento de datas comemorativas e eventos culturais	‘Dia dos namorados’ (SCOTT, op. cit., p. 61) ‘Grenal’ (SCOTT, op. cit., p. 21)	Semiótico

Por outro lado, o terceiro grupo, resumido no Quadro 3, diz respeito a aspectos linguísticos e gramaticais. São questões observadas tanto entre os tradutores quanto entre os versores, embora novamente tenha havido diferença entre as dificuldades que cada tipo de tradutor enfrentou.

As questões observadas entre os tradutores dizem mais respeito ao desconhecimento de determinadas palavras do texto de origem e a dificuldades gramaticais, especialmente em relação ao uso de tempos verbais e a confusões geradas por mecanismos de referência. O desconhecimento de determinadas palavras ou de certos usos de palavras pode ser observado na tradução da frase “[...] correram feito aranzinhas pra camionete [...]” (SCOTT, op. cit., p. 21), quando um dos tradutores questionou qual seria o significado de ‘feito’. Para este tradutor, ‘feito’ correspondia somente ao particípio passado do verbo ‘fazer’. Ele desconhecia o uso de ‘feito’ enquanto conjunção comparativa e, por isso, não conseguiu interpretar a frase e realizar a tradução. Ou seja, novamente observa-se, aqui, que o que está em jogo é o domínio

semiótico, visto que o tradutor (ou seja, o falante) desconhecia a existência do signo ‘feito’.

Em relação às dificuldades com tempos verbais enfrentadas pelos tradutores, por sua vez, um exemplo se dá na frase “As crianças gritavam, com suas bandeirinhas destroncando no ar, requebrando entre pulos.” (SCOTT, op. cit., p. 21). Enquanto os versores não hesitaram em traduzir ‘gritavam’ com o passado contínuo em inglês (‘were screaming’), um dos tradutores sugeriu o passado simples (‘screamed’), se baseando no argumento de que, se fosse necessário utilizar o contínuo, o texto em português seria ‘estavam gritando’. Os versores discordaram, o que levou o tradutor em questão a perguntar qual é a diferença entre ‘gritavam’ e ‘estavam gritando’. Após algumas reflexões, os versores acabaram afirmando que o uso do contínuo indicaria que algo aconteceu para interromper a ação expressa pelo verbo, enquanto o imperfeito indicaria uma ação contínua em português. Nesse caso, portanto, a dificuldade enfrentada pelos tradutores refere-se ao semântico, visto que se relaciona ao uso dos tempos verbais na materialidade do discurso, no texto de origem. Os tradutores não desconheciam as unidades envolvidas nesse ponto, o que corresponderia a uma dificuldade com o domínio semiótico, que compreende o reconhecimento das unidades como pertencentes a uma língua ou não a partir do questionamento se elas significam nessa língua ou não; a dificuldade, pelo contrário, estava no próprio uso da língua, na sutileza dos tempos verbais do idioma estrangeiro, que só pode ser percebida no discurso, ou seja, no domínio semântico.

Os tradutores ainda tiveram alguns problemas para interpretar mecanismos de referência, como na frase “[...] quando ouviram as buzinas da Variant gelo. Era a irmã mais velha [...]” (SCOTT, op. cit., p. 21). A tradução para ‘era’ sugerida por um dos tradutores foi ‘she was’, ao invés de ‘it was’, que foi a sugestão dos versores. Nesse caso, foi possível perceber que o tradutor não conseguiu perceber que ‘era’ referia-se indiretamente ao barulho das buzinas mencionado na frase anterior e relacionou-o ao complemento da própria frase em que ele aparecia. Para os versores, por outro lado, foi natural relacionar ‘era’ à frase anterior, já que se trata de uma construção bastante comum em português. Novamente, a dificuldade dos tradutores relaciona-se à língua quando em uso, ou seja, ao domínio semântico proposto por Benveniste, que corresponde ao discurso.

Ainda em relação aos aspectos linguísticos e gramaticais, foi possível observar que os versores, por outro lado, apresentaram maior dificuldade na distinção de diferenças de significados de certas palavras do idioma estrangeiro em que o texto é vertido. Essas diferenças puderam ser observadas, por exemplo, na tradução do termo ‘gaguejar’, presente na frase “Ele gaguejou um boa noite.” (SCOTT, op. cit., p. 61), para que os participantes sugeriram tanto ‘stutter’ quanto ‘stammer’. Enquanto os versores não souberam diferenciar os dois verbos, os tradutores foram capazes de explicar, sem dificuldades, que ‘stutter’ trata-se do ato de repetição dos sons de uma determinada palavra, enquanto ‘stammer’ caracteriza-se pela repetição de palavras inteiras. Nesse exemplo, o que está em questão é o semiótico do idioma de chegada, visto que os versores desconheciam as diferenças entre os dois signos. Isso é, ao desconhecer a significação das unidades, é possível entender que, de certa forma, os versores não tinham condições de reconhecer a sua existência como parte do sistema da língua de chegada. Nesse caso, surge, então, uma dificuldade para a tradução da frase que não necessariamente seria vivenciada pelos tradutores, visto que estes não

passariam pela mesma dificuldade por reconhecerem essas unidades, que são comuns em sua língua materna.

Outro exemplo de possível dificuldade gramatical vivenciada por versores encontra-se na escolha das preposições adequadas para uma determinada palavra ou frase. Um exemplo disso é perceptível na frase “[...] as meninas da turma ainda abanam para ele do banco de trás [...]” (SCOTT, op. cit., p. 22). Para ‘abandar para’, foram sugeridos tanto ‘wave at’ quanto ‘wave to’. Os versores, entretanto, pareceram não conseguir visualizar uma diferença entre as duas opções. Os tradutores, então, esclareceram que com ‘wave at’ o aceno pode nem ser percebido pela pessoa para quem se abana, ao passo que o ‘to’ indica uma tentativa deliberada de chamar a atenção de uma pessoa com o aceno. É interessante notar, entretanto, que, nesse caso, com base nessas observações, os tradutores passaram a defender que se usasse ‘wave to’. Os versores, porém, argumentaram que, no texto original, não parece que exista a intenção deliberada de chamar a atenção, o que levou o grupo a concordar que ‘wave at’ seria provavelmente a escolha mais adequada. Nesse caso, a dificuldade enfrentada pelos versores diz respeito ao semântico do texto de origem, posto que tem a ver com o uso das preposições nas frases, ou seja, com o uso da língua. Novamente, não se trata de desconhecimento da existência das unidades – nesse caso, das preposições –, o que configuraria uma dificuldade relacionada ao domínio semiótico, intralinguístico, mas sim de dificuldade gerada quando a língua é apresentada em sua materialidade, no discurso, o que corresponde ao domínio semântico proposto por Benveniste, como já visto acima.

Quadro 3 – Terceiro grupo: Aspectos linguísticos e gramaticais.

	Fenômeno destacado	Exemplo	Domínio relacionado
Versores	Distinção de diferenças de significados	“Ele gaguejou um boa noite.” (SCOTT, op. cit., p. 61) Gaguejar = ‘stutter’ (repetição de um mesmo som) ou ‘stammer’ (repetição de uma palavra)	Semiótico
	Escolha de preposições	“[...] as meninas da turma ainda abanam para ele do banco de trás [...]” (SCOTT, op. cit., p. 22) Opções para ‘abandar para’ = ‘wave at’ ou ‘wave to’	Semântico
Tradutores	Desconhecimento de palavras	“[...] correram feito aranzinhas pra camionete [...]” (SCOTT, op. cit., p. 21, grifos nossos)	Semiótico
	Entendimento de tempos verbais	“As crianças gritavam [...]” (SCOTT, op. cit., p. 21) Tradutor sugere traduzir com passado simples, enquanto versores usam o passado contínuo	Semântico

	Dificuldades com mecanismos de referência	“[...] quando ouviram as buzinas da Variant gelo. Era a irmã mais velha [...]” (SCOTT, op. cit., p. 21, grifos nossos)	Semântico
--	---	---	-----------

O quarto grupo compõe-se de aspectos relacionados à leitura do texto de origem, que foram observados somente entre os tradutores. Esses aspectos têm relação direta com o desconhecimento de expressões – causadas tanto por aspectos gramaticais quanto por questões culturais – e dificuldades de interpretação, especialmente de textos ambíguos.

Um exemplo desse grupo está em um trecho já citado neste artigo: “Escuta aqui neguinho... Não sou neguinho, tio! meu nome é Marte. Não, diabo!, é neguinho, neguinho, o atendente vocifera, parado com as mãos na grade: e cai fora duma vez... neguinho!” (SCOTT, op. cit., p. 80). Para ‘cai fora’, um dos tradutores sugeriu uma tradução literal: ‘fall out’. Porém, o significado dessa expressão em inglês é, entre outros, ‘cair para fora’ ou ‘brigar’. Ou seja, foi possível perceber que o tradutor não conseguiu enxergar o significado metafórico de ‘cair fora’ em português e, conseqüentemente, não conseguiu encontrar uma tradução mais apropriada para o contexto, como ‘piss off’, ‘get the hell out of here’ ou ‘beat it’. Um exemplo semelhante encontra-se na frase “Foi ali em volta da Praça Garibaldi, num domingo de 1975 [...]” (SCOTT, op. cit., p. 21). Um dos tradutores sugeriu ‘on the way back from’ para a tradução de ‘em volta de’, possivelmente porque não conseguiu estabelecer a diferença entre ‘em volta de’ e ‘de volta de’. Em ambos os exemplos, a questão mais proeminente envolve o domínio semiótico no texto de origem, já que os tradutores desconheciam as expressões, o que levou a dificuldades em interpretar o sentido das frases. Isso é, retomando, mais uma vez, os conceitos benvenistianos, percebemos que os tradutores em questão não reconheciam as unidades como tendo sentido, ou seja, como pertencentes à língua, o que os levou a encontrar dificuldades para realizar as suas traduções.

Também foi possível perceber que os tradutores tiveram mais dificuldades que os versores para interpretar trechos ambíguos e/ou poéticos do texto. Um exemplo é o início do conto “Martin”: “O verão, esmaecido. A chuva desambientou-o com rapidez. Nada brisa. E dá um frio despencando assim reto, agudeza de outono insistente talvez.” (SCOTT, op. cit., p. 79). Embora mesmo os versores tenham tido dificuldades para traduzir, foi possível perceber, a partir das discussões, que, enquanto estes conseguiam entender o sentido geral aparentemente pretendido pelo autor, os tradutores comentaram que não faziam nenhuma noção do que o texto significava. Novamente, então, é possível perceber que os tradutores tiveram dificuldades com o semântico do texto de origem, falhando em interpretar o texto. Ou seja, a dificuldade, nesse caso, não se deu na aceitação da existência de cada uma das unidades por terem um sentido, o que corresponde ao domínio semiótico. Do contrário, a dificuldade foi entender qual seria o sentido global da frase/texto, que corresponde, conforme Benveniste, à língua em emprego, quer dizer, ao domínio semântico. Nesse domínio, como já explicado acima, as palavras podem adquirir valores diferentes dependendo do modo como são agenciadas nas frases, justamente o que parece ter gerado a dificuldade de traduzir observada nesse exemplo, visto que as palavras parecem ser acrescidas de um sentido poético.

O Quadro 4 apresenta as questões observadas nesse grupo.

Quadro 4 – Quarto grupo: Aspectos relacionados à leitura do texto de origem.

	Fenômeno destacado	Exemplo	Domínio relacionado
Tradutores	Desconhecimento de expressões	“[...] e cai fora duma vez... neguinho!” (SCOTT, op. cit., p. 80) Sugestão de tradução literal para ‘cai fora’ (‘fall out’)	Semiótico
		“Foi ali em volta da Praça Garibaldi, num domingo de 1975 [...]” (SCOTT, op. cit., p. 21) Tradutor confundiu ‘em volta de’ com ‘de volta de’	Semiótico
	Inaptidão à interpretação	“O verão, esmaecido. A chuva desambientou-o com rapidez. Nada brisa. E dá um frio despencando assim reto, agudeza de outono insistente talvez.” (SCOTT, op. cit., p. 79)	Semântico

Por fim, o quinto grupo, sumarizado no Quadro 5, foi percebido somente entre os versores e corresponde a aspectos relacionados à produção do texto de chegada. Esses aspectos relacionam-se, novamente, a questões gramaticais e a dificuldades para distinguir significados de certas palavras e expressões.

Um exemplo de questão gramatical encontra-se no trecho “O menino desencosta a cabeça da borda da tábua, ajeita o boné sob o capuz de nylon, uma lágrima escorre do olho.” (SCOTT, op. cit., p. 80). Ao fazer a transposição para o inglês, alguns versores tiveram dificuldades de determinar se deveriam usar pronome possessivo ou artigo antes de ‘boné’ e ‘capuz’. Embora em inglês seja comum o uso de pronome possessivo antes de peças de roupa, nem todos os versores os usaram, por acharem que ficaria repetitivo. Os tradutores concordaram com a eliminação de alguns deles, mas não houve consenso sobre quais. Um versor sugeriu que se usasse ‘his cap under the nylon hood’, justificando o uso do possessivo antes de boné porque este estaria mais próximo do corpo do que o capuz. Porém, um dos tradutores argumentou justamente o contrário: ele se sentia mais confortável invertendo os pronomes, posto que o boné já está mais próximo ao corpo, não havendo, portanto, necessidade de ainda enfatizar que ele pertence ao menino através do uso do pronome possessivo.

É possível ver outro exemplo desse grupo no trecho “A filha mais velha não foi à escola. Ele nada pergunta, abraça-a, sente o pequeno corpo febril. [...] A filha conta por que não foi à aula: [...]” (SCOTT, op. cit., p. 81). Posto que ‘ir à escola’ e ‘ir à aula’ têm basicamente o mesmo sentido em português, as opções mais naturais de tradução para as duas expressões foram as traduções literais: ‘go to school’ e ‘go to class’. Entretanto, um dos tradutores alertou para o fato de que, em inglês, há uma diferença entre essas duas expressões: ‘go to school’ significa ir ao estabelecimento, enquanto ‘go to class’ implica estar no estabelecimento e frequentar a aula. Como no texto as expressões são usadas no negativo, a diferença fica ainda mais evidente. Os versores

não tinham consciência desse fato e, possivelmente, iriam continuar usando a tradução literal se não tivessem sido alertados pelos tradutores. Nesses dois exemplos, é possível perceber que o que está em questão é o semântico do texto de origem, visto que os versores não desconheciam as questões gramaticais e expressões, mas demonstraram dificuldade para colocá-las em uso. Ou seja, aparentemente não houve dificuldade no reconhecimento da existência e do sentido das expressões no domínio semiótico, que consiste na organização dos signos, já que os versores tinham conhecimento da significação dos signos individualmente, posto que são bastante semelhantes nas duas línguas envolvidas no processo. Foi somente no discurso, ou seja, na língua em uso, no domínio semântico, que eles não conseguiram perceber a sutileza da diferença, que, nesse caso, pode até mesmo representar um erro de tradução.

Quadro 4 – Quinto grupo: Aspectos relacionados à produção do texto de chegada.

	Fenômeno destacado	Exemplo	Domínio relacionado
Versores	Uso de pronomes possessivos e artigos	“O menino desencosta a cabeça da borda da tábua, ajeita o boné sob o capuz de nylon, uma lágrima escorre do olho.” (SCOTT, op. cit., p. 80) Dificuldades para definir antes de quais expressões (boné, capuz) seriam usados pronomes ou artigos	Semântico
	Distinção de diferenças de significados	“A filha mais velha não foi à escola . Ele nada pergunta, abraça-a, sente o pequeno corpo febril. [...] A filha conta por que não foi à aula : [...]” (SCOTT, op. cit., p. 81, grifos nossos) Versores traduziram ‘ir à escola’ e ‘ir à aula’ literalmente, tradutores alertaram para a diferença entre as expressões em inglês	Semântico

5. Considerações finais

A partir dos exemplos enumerados na seção acima, é possível perceber que, naturalmente, muitas questões são comuns tanto a tradutores e quanto a versores. São, portanto, questões naturais do processo tradutório, pois lidam justamente com aspectos inerentes ao processo, como interpretação de texto e interferência de fatores culturais.

Por outro lado, também é interessante observar que há diferenças fundamentais quando o texto é traduzido ou vertido. Os exemplos permitem observar que, em geral, os versores não tiveram problemas em identificar o(s) sentido(s) do texto de partida, salvo quando este tinha natureza demasiadamente ambígua. Um exemplo disso ocorreu na tradução da expressão ‘cai fora’, como mencionado acima. Os versores também não tiveram maiores dificuldades na assimilação de termos e palavras com cunho cultural nesses mesmos textos, como ‘estabanada’ e ‘grenal’, justamente por serem palavras e

expressões de sua língua materna. Ou seja, via de regra, os versores foram capazes de perceber e distinguir as sutilezas do texto de origem e da sua língua materna em uso.

Enquanto isso, ainda levando em conta o texto de origem, foi possível perceber que os tradutores enfrentaram maiores dificuldades na interpretação destes, não somente devido à ambiguidade natural da língua e a palavras com alto conteúdo cultural, mas também devido ao desconhecimento de determinadas expressões e a dificuldades gramaticais que os impediram de criar soluções tradutórias adequadas. É o caso da tradução da conjunção comparativa ‘feito’, citado acima. Desse modo, ao tomarmos o texto de origem como objeto – ou seja, a língua posta em ação pelo autor do texto fonte –, é possível entender que os versores têm um melhor desempenho no domínio semântico, visto que conseguem entender os valores das unidades lexicais e das frases sem grandes dificuldades, enquanto os tradutores enfrentam mais problemas para lidar com ambiguidade, nem sempre conseguem captar nuances culturais e têm dificuldades com determinadas estruturas gramaticais que podem levar a problemas no processo e no produto da tradução.

Por outro lado, na maioria dos casos, somente os tradutores foram capazes de diferenciar e de identificar, de maneira mais precisa, o significado das palavras na língua de chegada, especialmente nos casos de palavras com significados similares, como ocorreu no caso da tradução de ‘gaguejar’. Desse modo, na maioria dos casos, somente eles conseguiam determinar se o uso de uma dada unidade lexical seria aceitável no texto de chegada. Ou seja, os tradutores tiveram, naturalmente, um melhor desempenho no domínio semiótico do idioma de chegada. Enquanto isso, muitas vezes, os versores desconheciam tais diferenças, isto é, provavelmente não teriam condições de determinar, sem o auxílio de ferramentas como dicionários e Internet ou a consulta a falantes nativos, que palavra seria mais adequada para o significado pretendido. Assim, se considerarmos a língua de chegada, percebemos que os tradutores têm a vantagem de conseguir determinar quais as unidades semióticas aceitáveis no contexto pretendido, pois se trata de sua língua materna, isto é, a língua que eles manuseiam cotidianamente. Desse modo, os tradutores são capazes de determinar o pertencimento dos signos ao sistema e decidir quais são as diferenças entre eles, algo que se torna bastante difícil para os versores. Além disso, os versores também demonstraram ter dúvidas e/ou dificuldades na produção e principalmente na adequação do texto de chegada, mesmo quando conheciam palavras, expressões e estruturas gramaticais. É o que ocorreu, por exemplo, no caso da tradução de ‘minha filha’ e na escolha da preposição para a tradução de ‘abanar para’, conforme evidenciado na seção anterior. Isso demonstra que a maior dificuldade dos versores parece residir no semântico do idioma de chegada.

Determinar a diferença entre tradução direta e inversa não é tarefa fácil, visto que ambos os processos visam o mesmo objetivo – a transposição de um texto a um outro idioma – e utilizam os mesmos métodos e procedimentos para alcançá-lo. Entretanto, não é possível considerar que, pelo fato de serem semelhantes, as atividades sejam iguais. A possibilidade de observar um ambiente em que foram feitas, simultaneamente, traduções e versões dos mesmos textos permitiu perceber que, enquanto essas duas atividades envolvem dificuldades naturais do processo tradutório como um todo, há algumas diferenças fundamentais entre elas, especialmente quando consideramos as atitudes e mecanismos que tradutores e versores têm que adotar considerando a língua.

Enquanto os versores têm mais facilidade de interpretar o sentido da língua de partida em uso e desvendar as diversas nuances possíveis de um mesmo texto, além de

ter maior conhecimento e familiaridade com os aspectos culturais do texto de origem, muitas vezes eles também enfrentam dificuldades para determinar as unidades semióticas adequadas para o texto de chegada. Por outro lado, os tradutores muitas vezes desconhecem palavras e expressões e nem sempre conseguem interpretar corretamente o texto de partida, sendo necessária a consulta a fontes externas para auxiliar na tradução. Entretanto, eles, naturalmente, não enfrentam maiores dificuldades para a produção do texto de chegada na sua língua materna.

Não se trata, aqui, de determinar o valor e a qualidade da tradução e da versão enquanto atividades tradutórias, mas sim de reconhecer que há diferenças entre os processos e que tais diferenças podem afetar o resultado final da tradução, tanto positiva quanto negativamente. Além disso, é importante ressaltar que o entendimento da prática da tradução direta e da tradução inversa como atividades distintas contribui para o entendimento do processo tradutório como um todo, já que permite visualizar os diferentes processos envolvidos nas duas atividades e, conseqüentemente, na atividade tradutória.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In: _____. *Problemas de lingüística geral II*. 2ª ed. Campinas: Pontes, Editores, 2006. p. 220–242.
- _____. L'appareil formel de l'énonciation. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, v. 2. Paris: Gallimard, 1974.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola: 2013. 198 p.
- HOFF, Sara Luiza; FLORES, Valdir do Nascimento. Versão: um diagnóstico dos estudos acerca dessa atividade tradutória no Brasil. *Belas Infêis*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 181-194, 2015.
- HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. 5 ed. rev. Madri: Cátedra, 2011. 695 p.
- LONSADALE, Allison Beeby. Directionality. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (ed.). *Routledge encyclopedia of translation studies*. 2. ed. Londres: Routledge, 2011. p. 84–88.
- SCOTT, Paulo. *Ainda orangotangos: contos*. Porto Alegre: Bertrand Brasil, 2007. 82 p.
- SILVA, Carmem Luci da Costa. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. 2007. 293 f. Tese (Doutorado em teorias do texto e do discurso) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.